

ELE E NÓS

Brasilienses de diferentes idades contam histórias de como Juscelino passou por suas vidas. Contatos vão da amizade forte a deslumbramento diante da estátua

Da vida ao mito

Freddy Charlson
Da equipe do Correio

Juscelino Kubitschek de Oliveira está mais vivo do que nunca. JK está vivo na lembrança daqueles que ainda se entristecem ao lembrar da morte – num acidente de carro, em 22 de agosto de 1976 – do homem que inventou Brasília. JK está vivo em fotos, documentos, cartas guardadas com carinho por seus ex-companheiros. JK está vivo nos nomes de lojas, monumentos, aeroporto e ponte. JK está vivo nos Juscelinos nascidos na capital que carregam esse nome em homenagem ao xará famoso. Nesses 42 anos, o ex-presidente deixou de ser um amigo próximo de alguns para virar mito para dois milhões e cinquenta mil habitantes: a população do Distrito Federal. Nas próximas linhas, brasilienses por adoção e nascimento contam a história de seus relacionamentos com o presidente – são depoimentos que vão da forte amizade relatada por pioneiros ao encantamento das crianças com o homem que virou estátua.

JK NÃO ESCREVE MAIS AO CORONEL

O coronel Affonso Heliodoro dos Santos, 86 anos, presidente do Instituto Cultural e Geográfico do DF, guarda em casa fotos onde aparece ao lado do ex-presidente, documentos assinados por Juscelino e até uma carta em que o conterrâneo (mineiro como ele) conta sentir saudades das aventuras ao lado de Heliodoro. Ex-ajudante de ordens de JK, o coronel Heliodoro foi amigo do presidente por 43 anos. “Fomos confidentes”, conta. Para Heliodoro, JK foi um amigo presente todos os dias. “Ainda o imagino por aqui.” Passados mais de quatro décadas da inauguração de Brasília e 26 anos da morte de JK, poucos, como o coronel, têm lembranças manuseáveis do inventor de Brasília.

O PRESIDENTE DE PÉS DESCALÇOS

O gari José Aluizio de Pontes, 66, não foi amigo de JK por 43 anos. Mas serviu o ex-presidente durante três anos – de 1958 a 1960 –, como garçom, no Palácio da Alvorada. Conhecer e trabalhar para JK sempre foi um sonho de Pontes, pernambucano que chegou em Brasília em 1957. “JK era camarada, conversava com a gente na cozinha, provava tira-gostos na panela”, lembra. Hoje, Aluizio trabalha como gari, ganha R\$ 247,00. É pai de seis filhos, entre eles, Tancredo Juscelino, homenagem ao ex-patrão. Aluizio lembra que a primeira coisa que JK fazia quando chegava ao Alvorada era tirar os sapatos e andar descalço. “Era simples”, conta o gari que desde 1957 coleciona fotografias e reportagens sobre o “presidente de pés descalços”.

LEVADO PELO POVO

Mineira de Juiz de Fora, cozinheira Maria Vera Lúcia Guimarães, 59, não conheceu JK pessoalmente, como Heliodoro, nem recebeu JK na cozinha, como Aluizio. Mas JK passou por sua vida, num dia tumultuado, que ela lembra bem. “Ainda sinto a dor da morte dele.” Foi chorando que ela fechou o bar na 403 Norte naquele 23 de agosto de 1976. E chorou quando passou pelo cortejo e viu o povo carregan-

Carlos Moura



CRIANÇAS SE DESLUMBRAM COM OS FEITOS DO PRESIDENTE E CRIADOR DE BRASÍLIA QUANDO VISITAM O MEMORIAL JK

do o caixão do ex-presidente. Vera não esquece da dor ao ver o corpo baixar à sepultura 35.666 da área especial do Campo da Esperança. Esperou até o caixão baixar. Queria dar o último adeus. “Eu chorei. Todos choraram”, conta, quase 26 anos depois. “Não conheci o homem, mas vi nascer a adoração do povo por ele”, conta.

JUSCELINO, O BANCÁRIO

Juscelino de Matos Félix, 38, não viu, como Vera, a dor de dona Sarah Kubitschek, suas filhas e das 350 mil pessoas que foram ao aeroporto, Catedral, cortejo e enterro de JK (multidão maior que a que recepcionara, seis anos antes, a seleção do tri no México). Não conheceu JK pessoalmente como o coronel Heliodoro e, muito menos, dividiu tira-gostos com o ex-presidente. Juscelino – brasiliense que recebeu o nome em homenagem a JK, claro – era menino, tinha 13 anos. E ficou em casa, em Taguatinga, vendo o enterro por uma tevê preto-e-branco enquanto os pais, Bento Costa Félix e Maria de Matos Félix, mineiros de Conceição do Mato Dentro, foram ver o conterrâneo pela última vez. Filho de pioneiros que chegaram em Brasília em 1960, Juscelino é bancário. “Gosto de JK e do nome Juscelino. Foi marcante na história do Brasil e de Brasília. Mas não tenho lembrança dele”, diz Juscelino, alvo de brincadeiras de colegas no primário, que o chamavam de *presidente*.

O HOMEM QUE VIROU ESTATUA

As lembranças, agora, já não pertencem mais

a uns poucos. O Memorial JK recebe 80 mil visitantes por ano desde a inauguração, em 12 de setembro de 1981. Gente ávida para preencher a memória com a história daquele que um dia ouviram falar. Gente que não viveu aventuras ao lado de JK, como o coronel Heliodoro. Ou que não serviu o presidente em festas, como o garçom Aluizio. Ou que não foi ao enterro dele, como a cozinheira Vera. Gente que não se chama Juscelino.

Aluno da 3ª série do Colégio Marista, Guilherme Martins Pereira Chianca, 8, por exemplo, estuda a história de Brasília no colégio. E Juscelino Kubitschek é, claro, personagem real nessa história. Foi o que o menino aprendeu, ao lado de 69 colegas, numa visita na quinta-feira ao Memorial. Mal chegou ao lugar, ele começou a fazer anotações. Curioso, fez perguntas ao guia. E assustou-se, na sala de condecorações, com um espadim ganho por JK em visita à Escola da Aeronáutica do Campo dos Afonsos, em setembro de 1959. “Acho que ele era legal”, dizia o menino pouco depois de rezar na câmara mortuária. Na oração, pediu para JK fazer de Brasília uma cidade menos violenta e mais arborizada.

Aquela altura do campeonato, o menino parecia tão íntimo de JK quanto o coronel Heliodoro, embora Guilherme só soubesse que Juscelino era mineiro, que era médico, que morreu em um acidente. Ah, e que era casado com dona Sarah. Aliás, nome igual ao do hospital onde sua mãe, Maria Eloá, trabalha. Informações suficientes para se interessar pelo homem que “virou estátua”, responsável pela construção da cidade onde Guilherme vive.



Jefferson Rudy / 24.09.98



350 MIL PESSOAS ACOMPANHARAM O CORTEJO DE JK. FOI, NA ÉPOCA, A MAIOR MANIFESTAÇÃO DA CAPITAL